

Marcelo Victor Nascimento

SANTÍSSIMA TRINDADE

**Quase dois mil anos de
engano religioso**

Itapetininga - SP

Santíssima Trindade - quase dois mil anos de engano religioso

Copyright 2020

Marcelo Victor Nascimento

O conteúdo deste livro (textos, ilustrações e imagens) é da inteira responsabilidade do autor, não podendo ser reproduzido sem a expressa autorização do mesmo.

O contacto do autor é o seguinte:

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/marcelo-victor-rodrigues-do-nascimento>

Ilustrações: Carla Gonçalves

Ilustração da página 67:

<http://weareisrael.org/wp-content/uploads/2016/06/elohim.jpg>

Ilustração da página 73:

<http://hermesfernandes.blogspot.com/2016/03;o-silencio-do-cordeiro-vs-o-ugido.html>

2ª Edição: janeiro de 2020.

Revisão: janeiro de 2023.

Editoração: Ana Flávia Corrêa

Impressão e acabamento: GRÁFICA REGIONAL
www.graficaregional.com.br

Prefixo Editorial: 65703

ISBN: 978-85-65703-44-4

ÍNDICE

Prefácio do autor	7
Capítulo Primeiro	15
A “santíssima trindade”: um breve histórico da sua origem	
Capítulo Segundo	55
A Palavra de Yahweh, o Espírito de Yahweh e o próprio Yahweh são um	
Capítulo Terceiro	93
A onipotência e a onipresença divinas	
Capítulo Quarto	105
Quem é verdadeiramente Jesus Cristo	
Capítulo Quinto	125
A Palavra esvaziou-se da Sua glória ou acrescentou a natureza humana em Seu ser?	
Capítulo Sexto	149
Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança	
Capítulo Sétimo	181
Elohim: um hebraísmo ou uma expressão profética?	
Capítulo Oitavo	191
Subiu ao céu e assentou-Se à destra da majestade nas alturas	
Capítulo Nono	207
Deus necessita ser ungido?	
Capítulo Décimo	229
Eu rogarei ao pai e Ele vos concederá outro Consolador	
Capítulo Décimo Primeiro	243
A kenosis	
Post-Scriptum	293
Referências Bibliográficas	313

Prefácio do Autor

Quando um coração se abre verdadeiramente para o Evangelho de Jesus Cristo (as boas novas de salvação) uma profunda transformação passa a ocorrer no íntimo daquela pessoa, reproduzindo, espiritualmente, o primeiro milagre feito pelo divino Mestre, quando transformou a água em vinho (João 2:9) [5].

Todas as faculdades do novo discípulo passam a vivenciar uma revolução contínua e progressiva como reflexo do cumprimento da promessa feita pelo Mestre de que tal coração tornar-se-ia templo e morada do Espírito Santo,

nascendo uma nova criatura, agora possuidora da mente de Cristo (Efésios 2:22 e 1 Coríntios 2.16) [5].

Pela presença de Yahweh¹, em espírito, os conceitos vão mudando, as máscaras vão caindo, o discernimento vai chegando, as trevas vão se dissipando e a luz começa a brilhar até que, naquela alma, se torne um dia perfeito (Provérbios 4:18) [5].

1. Yahweh: refere-se ao tetragrama YHWH, que é o conjunto de quatro letras que qualificam o nome do Deus de Israel na Bíblia Sagrada, cuja pronúncia perdeu-se com o tempo e cuja tradução é “EU SOU O QUE SOU”, tendo o seguinte significado: “aquele que sempre foi, que é e que será eternamente”, “o único Deus, imutável e sem igual”.

Por essa razão, tudo aquilo que contraria a verdade e a santidade de Yahweh, interna e externamente, por mais belo e sábio que pareça, acaba se tornando um peso para o coração recém-convertido, por absoluta impossibilidade de haver comunhão entre a luz e as trevas (Gênesis 1.4 e 2Coríntios 6.14) [5].

Os velhos conceitos, dia-a-dia, acabam entrando em choque com novas realidades outrora desconhecidas e a revolucionária descoberta ganha contornos de uma guerra espiritual, cujo teatro de operações é a mente e o coração do novo soldado (Gálatas 5.17) [5].

Munido das armas espirituais doadas pelo Espírito Santo a mente do novo combatente não se contenta mais com as

“fórmulas prontas”, de sorte que o guerreiro de Jesus arregaça as mangas e parte para o combate em busca de penetrar nas entranhas das verdades d’Aquele que o alistou para a batalha e o chamou das trevas para a perfeita luz (Oseias 6.3) [5].

Nesse clima de guerra, esta obra literária surge como uma espécie de convocação aos verdadeiros soldados de Cristo para uma missão bastante árdua e desafiadora, qual seja: lançar mão da unção que foi dada a cada combatente do Evangelho, por ocasião da conversão, e, juntos (1 João 2.27) [5], construirmos uma análise bíblica de um dos dogmas [verdade infalível e, por consequência, indiscutível] que tem sido considerado, há quase dois milênios, como verdadeira coluna da fé

cristã: o *Dogma da Santíssima Trindade*².

Via de regra, as discussões acerca desse tema parecem enfrentar uma barreira quase que intransponível, numa reprodução do que ocorreu no passado com aqueles que ousaram desafiar a “divindade” desse dogma cristão [católico], alguns dos quais, por causa da coragem de fazê-lo, foram excomungados e outros, devidamente silenciados em combate de forma brutal e desumana, como conta a história.

2. Dogma da Santíssima Trindade (Doutrina da Trindade ou Trindade): é um dogma central da fé cristã católica [uma verdade indiscutível], que apresenta o único Deus como uma divindade formada por três pessoas distintas: deus-pai, deus-filho e deus-espírito santo. O termo Trindade vem do latim trinitas (tríade), constituindo-se em uma abreviação da expressão “*Santíssima Trindade*”, tendo sido usado, pela primeira vez, por Tertuliano (160 - 220 d.C.), um teólogo proeminente do período pós-apostólico, para referir-se à natureza triuna de Deus, revelada [segundo ele] nas Escrituras Sagradas.

Embora o cenário seja outro, a dificuldade de tratar desse assunto insiste em permanecer até o dia de hoje, principalmente, pelo fato da cristandade ter feito da aceitação da Trindade uma condição *sine qua non*³ para que determinado movimento religioso seja classificado como cristão ou *herege*⁴.

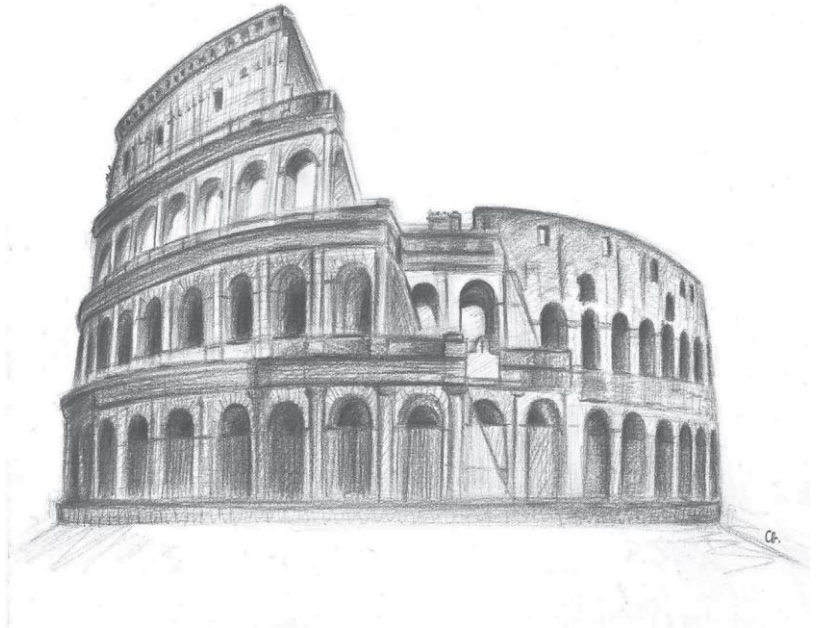
Assim sendo, nesse ambiente em que os ânimos dos algozes do passado estão temporariamente contidos, esta obra, como uma trombeta que chama os guerreiros para a batalha, vem conclamar os valentes soldados de Cristo a aceitar o grande desafio de refletir sobre essa temática “misteriosa”.

3. *Sine qua non*: é uma locução adjetiva, do latim, que significa “sem a qual não”.

4. *Herege*: aquele que é contrário aos dogmas de uma determinada religião.

Que Yahweh nos ajude e nos guie pelo Seu Santo Espírito, a fim de que essa missão possa ser cumprida com honestidade e fidelidade às Escrituras Sagradas, para que, em tudo, o Seu santo nome venha ser glorificado, e nós, os soldados de Cristo, possamos nos aproximar um pouco mais do Capitão das nossas almas [o Senhor dos Exércitos], aquele que, ao invés de torturar e matar os Seus opositores, deu Sua vida para salvá-los, não nos esquecendo jamais de que toda teologia é uma tentativa de aproximar o homem da verdade [a Palavra de Deus], de tal forma que, por mais profunda que pareça, não passa de uma tentativa [30].

CAPÍTULO PRIMEIRO



Coliseo de Roma, onde os cristãos eram jogados aos leões pelo Império Romano.

A "santíssima trindade": um breve histórico de sua origem.

Os fatos históricos que marcam a origem de determinada doutrina religiosa, o caráter de quem a desenvolveu e os frutos que ela produziu são elementos que, de uma forma ou de outra, acabam por influenciar sua credibilidade, ainda mais se levarmos em consideração as palavras de Jesus Cristo, alertando-nos para o fato de que *“de uma fonte não pode jorrar dois tipos distintos de água”* (Tiago 3.12) e *“pelos frutos se conhece a árvore”* (Lucas 6.44) [5].

Por isso, este capítulo reveste-se de

fundamental importância para que o leitor possa ter uma compreensão histórica do ambiente em que o Dogma da Santíssima Trindade foi formulado, bem como dos frutos que ele produziu no seio religioso, político e social da época. Com isso, é possível dimensionar o grau de confiabilidade que se pode atribuir-lhe, pelo menos do ponto de vista histórico de sua origem.

Os acontecimentos que antecederam a formulação de tal Dogma remontam ao período pós-apostólico, quando se cumpriram as diversas profecias proferidas pelo Mestre e pelos Seus apóstolos acerca dos falsos cristos, falsos profetas, falsos apóstolos e falsos irmãos que surgiriam em meio à igreja primitiva, como verdadeiros lobos cruéis

que não poupariam o rebanho e torceriam a verdade, a fim de atrair os cristãos após si (Mateus 24.4-5, Mateus 24.11, Atos 20.29-30, 2 Coríntios 11.13-15, Gálatas 1.6, Gálatas 2.4, 2 Timóteo 4.2-4, 2 Pedro 2.1-2, 1 João 2.18-19, 26 e 1 João 4.1-3 [5]).

O apóstolo João, perto do final do primeiro século, testificou que as condições da igreja primitiva, naquela ocasião, haviam se tornado tão terríveis que os falsos ministros se recusavam abertamente a receber os seus representantes e até excluía os verdadeiros cristãos da Igreja (3 João 9-10) [5].

Em sua clássica obra *“A História do declínio e queda do Império Romano”*, o historiador Edward Gibbon fez o seguinte relato sobre esse período pós-apostólico:

“uma nuvem negra pairava sobre a primeira era da igreja” [20].

Outro historiador, Jesse Hurlbut, em sua obra *“The story of the christian church”* [A história da igreja cristã], sugeriu que o período em pauta marcou um tempo de transformação sofrido pela igreja primitiva:

“Nós intitulamos a última geração do primeiro século, 68-100 d.C., ‘A Era das Trevas’, em parte porque as trevas da perseguição vieram sobre a igreja, mas mais especificamente porque de todos os períodos da história [da Igreja], é essa a era sobre a qual sabemos pouquíssimo. Não temos mais a brilhante luz do Livro de Atos para nos guiar, e nenhum autor dessa era tem preenchido o espaço vazio na história... Por cinquenta anos, após a vida de São Paulo, uma cortina pairou sobre a

igreja, através da qual nos esforçamos em
vão para olhar, e quando finalmente ela se
levanta, cerca do ano 120 d.C. com os
escritos dos mais antigos padres da igreja,
encontramos uma igreja, em muitos
aspectos, muito diferente daquela dos dias
de São Pedro e São Paulo” [22].

Não obstante, se os relatos bíblicos e
históricos mostram que a situação interna da
igreja primitiva era delicada, fora dos
“muros” a situação certamente era bem pior,
pois os cristãos eram *“arrastados até as arenas,
onde eram massacrados entre os gritos e as risadas
de uma multidão de apaixonados pelo genocídio
lúdico”* (Fo, Malucelli, Tomat, 2009, pág.
11) [17].

A principal razão das perseguições
que sofriam os cristãos naquela época, por

parte do Império Romano, segundo estudiosos, era a ameaça da secessão que eles representavam, uma vez que *“as autoridades romanas reputavam subversivo qualquer movimento que agregasse grupos populares e expoentes da aristocracia longe do seu controle”* (Fo, Malucelli, Tomat, 2009, pág. 27) [17].

Além disso, a manutenção dos cultos tradicionais (pagãos) era *“um elemento de estabilidade indispensável à própria vida do Estado, tanto que o sacrilégio e a não observância dos ritos constituíam um crime comparável à traição”*, sem contar que os ensinamentos de Jesus eram tidos pelos romanos como algo que tinha implicações sociais, pois exaltava os pobres e desfavorecidos e condenava pessoas julgadas *“intocáveis”*, como, por exemplo, os coletores de impostos (Fo, Malucelli,

Tomat, 2009, pág.27) [17].

Por fim, outro elemento que fazia com que os cristãos reunissem as características que o poder imperial temia, e que explica as perseguições periódicas das quais foram vítimas entre 112 a 311 d.C., é a espera de um apocalipse iminente, em que Deus desceria sobre a Terra e faria justiça, de forma que os perseguidos se assentariam em tronos para assistir ao suplício de seus dominadores, conforme relatado no “*Livro Negro do Cristianismo*” [17].

Diante de tantas razões contrárias à sobrevivência da igreja primitiva, um fato inquestionável foi o poder sobrenatural que envolveu os cristãos primitivos, pois, apesar das terríveis perseguições que o império romano promoveu contra a igreja cristã, os

discípulos do Mestre resistiram milagrosamente à opressão interna e externa, impelidos por uma força divina que os encorajava a não fazer caso da própria vida.

Enquanto tais perseguições romanas assolavam a igreja, fazendo os cristãos migrarem para outras regiões em busca de liberdade para servir a Deus, no interior das comunidades surgiram “*indivíduos inescrupulosos e maliciosos, dispostos a usar a fé e o misticismo com o único objetivo de obter riqueza e autoridade*” (Fo, Malucelli, Tomat., 2009, pág. 8) [17].

Para alguns historiadores, aquele período marcou o aparecimento, no seio da igreja primitiva, de uma religião comprometida com conceitos e práticas enraizadas no antigo paganismo [uma

mistura de crenças religiosas conhecidas como sincretismo religioso, muito comum na época do Império Romano] que se apoderou da igreja e modificou a fé estabelecida por Jesus Cristo, influenciando os conceitos doutrinários e religiosos da cristandade, com reflexos até os dias de hoje.

Por isso, a uniformidade de crença da igreja primitiva acabou por se perder e os novos pensamentos que surgiram tomaram emprestados ou adaptaram ideias provenientes de religiões pagãs, substituindo os ensinamentos de Jesus, e dos apóstolos, por vãs filosofias.

O artigo *“Trindade: Golpe de mestre do Anticristo! - Parte 2”* menciona a seguinte citação, feita pelo Dr. Alvan Lamson, em

seu livro “*The Church of the First Three Centuries*” [A Igreja dos Primeiros Três Séculos]:

“A doutrina da Trindade ‘teve sua origem numa fonte inteiramente alheia às Escrituras judaicas e cristãs; que se desenvolveu e foi enxertada [introduzida] no cristianismo pelas mãos dos Padres que promoviam o platonismo’. Quem eram esses ‘Padres que promoviam o platonismo’? Eram clérigos apóstatas que ficaram fascinados com os ensinamentos de Platão, filósofo grego pagão” [26].

Sobre a influência helenística que atacou a igreja primitiva, o artigo citado no parágrafo anterior menciona uma passagem do livro “*The Theology of Tertullian*” [A Teologia de Tertuliano], que diz o

seguinte:

“[Era] uma mistura curiosa de ideias e termos jurídicos e filosóficos, que habilitaram Tertuliano a elaborar a doutrina trinitária numa forma que, apesar das suas limitações e imperfeições, forneceu a estrutura para a posterior apresentação da doutrina no Concílio de Nicéia [reunião de autoridades eclesiásticas para discutir questões pastorais, de doutrina, fé e costumes]”.

Assim sendo, a fórmula criada pelo teólogo católico Tertuliano [“três pessoas distintas em um só Deus”] parece ter sido originada como resultado da forte influência das concepções gregas dos pensadores daquela época, concorrendo para a

divulgação de um grave engano que perdura até os nossos dias.

No ano de 313 d.C., um fato novo modificou o cenário político-religioso do Império Romano, vindo a transformar, num passe de mágica, os brutais perseguidores dos cristãos em “paladinos da igreja”: a suposta conversão do Imperador Constantino (288-337 d.C.) ao cristianismo, em cujo governo a fé cristã [católica] tornou-se a religião oficial do Império.

Com tal façanha, as teologias, os rituais e as interpretações do Evangelho acabaram por ser cuidadosamente transformados e adaptados à linguagem e ao pensamento do poder romano (Fo, Malucelli, Tomat., 2009, pág. 11) [17].

O historiador Henry Chadwick, em sua

obra “*The early church*” [A igreja primitiva], garante que o Imperador Constantino, tal como seu pai, adorava o deus Sol Invicto. Sobre o fato do Imperador abraçar o Cristianismo ele fez o seguinte comentário:

“Sua conversão não deve ser interpretada como uma experiência interna de graça ... Era uma questão militar. O seu nível de compreensão da doutrina cristã nunca foi muito bem entendido” (pág. 125) [10].

O professor de “historia da igreja” Norbert Brox, em sua obra “*A concise history of early church*” [Uma breve história da igreja primitiva], confirma que o Imperador Constantino nunca foi realmente um cristão convertido, nos seguintes termos:

“Constantino não experimentou qualquer conversão, não há sinais de uma mudança de fé nele. Ele nunca disse que se converteu a outro deus... No momento em que se voltou para o Cristianismo, ele adorava o Sol Invictus (o vitorioso deus Sol)” [9].

Esse foi o cenário pitoresco em que o Dogma da Trindade começou a surgir, ou seja, em meio a fatos políticos e várias discussões teológicas acerca dos mistérios referentes ao nascimento, à morte e à ressurreição de Jesus Cristo, com questões do tipo: “Jesus Cristo foi um homem?”; “Jesus era um Deus?”; “Jesus era Deus em figura de um homem?”; “Jesus foi apenas uma ilusão da mente humana?”; “Jesus foi um simples homem que se

tornou Deus?”; “Jesus foi criado por “deus-pai” na eternidade?”, etc.

No ano 325d.C., com claras intenções de unificar o poder político e religioso, o Imperador Constantino aproveitou-se de uma controvérsia acerca da natureza de Jesus Cristo, e de Sua relação com “deus-pai”, e convocou o Concílio de Nicéia [cidade localizada, atualmente, a oeste da Turquia].

A disputa envolvia duas correntes de pensamento, uma liderada por Ário [um padre de Alexandria] e outra por Atanásio [um diácono da mesma cidade]. O primeiro argumentava que Cristo, sendo Filho de Deus, deveria ter tido um começo e, portanto, era uma criação especial de Deus, sendo necessariamente mais novo do que

Ele, por ser Filho.

Atanásio, por sua vez, opunha-se a Ário, apresentando a visão de uma forma primitiva de trinitarianismo, onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram um, mas ao mesmo tempo, distintos entre si.

A estudiosa Karen Armstrong esclarece, em sua obra *“Uma História de Deus”*, que a decisão sobre qual ponto de vista o Concílio da igreja aceitaria foi, em grande medida, arbitrária, afirmando o seguinte:

“Quando os bispos se reuniram em Nicéia em 20 de maio de 325 d.C. para resolver a crise, muitos poucos demonstraram apoio ao ponto de vista de Atanásio sobre Cristo. A maioria se deteve no meio do caminho entre a posição de Atanásio e a de Ário”